

O GARI NÃO TEM NOME? UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA CIRCULAÇÃO DE NOTÍCIAS SOBRE O ASSASSINATO DE LAUDEMIR SOUZA FERNANDES

*DOES THE GARBAGE COLLECTOR HAVE NO NAME? A DISCOURSE ANALYSIS
OF THE CIRCULATION OF NEWS ABOUT THE MURDER OF LAUDEMIR DE
SOUZA FERNANDES*

*¿EL BARRENDERO NO TIENE NOMBRE? UN ANÁLISIS DISCURSIVO DE LA
CIRCULACIÓN DE NOTICIAS SOBRE EL ASESINATO DE LAUDEMIR DE SOUZA
FERNANDES*

*Original recebido em: 21 de outubro de 2025
Aceito para publicação em: 25 de março de 2026
Publicado em: 09 de abril de 2026*

Nathália Basil
Universidade Federal Fluminense (UFF)

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ·

RESUMO

Este trabalho buscou investigar como se deu a circulação de notícias na versão online do jornal Estado de Minas sobre o assassinato de Laudemir de Souza Fernandes por Renê da Silva Nogueira Júnior, a partir dos títulos e subtítulos de reportagens, no que ficou conhecido como “o caso do gari”. O recorte considerou o período que vai de 11 de agosto, dia da morte, até 21 de agosto de 2025, 48h após a confissão do crime, para analisar discursivamente os enunciados apresentados, apontando as diferenças encontradas nos tratamentos recebidos por Laudemir e Renê no veículo de imprensa. Para tal, foi usada como metodologia a Análise do Discurso de base enunciativa (Maingueneau, 2004; 2006; 2015), partindo do princípio dialógico e da noção de gênero de discurso propostos por Bakhtin (2000), que se acrescem dos conceitos de signo ideológico (Volóchinov, 2017) e linguagem-intervenção de Rocha (2006). Para compreensão do lugar de outridade no qual se encontram pessoas negras na sociedade brasileira, o trabalho estabeleceu diálogo com os conceitos de raça (Hall, 2017), necropolítica (Mbembe, 2018), dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023) e sujeito (hooks, 1989). Como resultado, 82 matérias foram analisadas, mostrando um esforço do Estado de Minas em apresentar diferentes faces de Renê ao longo da narrativa e reforçar Laudemir apenas como “o gari”.

Palavras-chave: Raça e racismo; Mídia hegemônica; Discurso; Necropolítica; Caso Laudemir.

ABSTRACT

This study sought to investigate how news circulated in the online version of the *Estado de Minas* newspaper regarding the murder of Laudemir de Souza Fernandes by Renê da Silva Nogueira Júnior, based on the headlines and subheadlines of reports in what became known as "the garbage collector case". The scope considered the period from August 11, the day of the death, to August 21, 2025—48 hours after the confession of the crime—to discursively analyze the presented utterances, pointing out the differences in the treatment received by Laudemir and Renê in the press outlet. To this end, the methodology used was Enunciative Discourse Analysis (Maingueneau, 2004; 2006; 2015), starting from the dialogic principle and the notion of discourse genre proposed by Bakhtin (2000), supplemented by the concepts of ideological sign (Volóchinov, 2017) and intervention-language by Rocha (2006). To understand the place of "otherness" in which Black people find themselves in Brazilian society, the work established a dialogue with the concepts of race (Hall, 2017), necropolitics (Mbembe, 2018), apparatus of raciality (Carneiro, 2023), and subject (hooks, 1989). As a result, 82 articles were analyzed, showing an effort by *Estado de Minas* to present different facets of Renê throughout the narrative while reinforcing Laudemir only as "the sthe garbage collector."

Keywords: Race and racism; Hegemonic media; Discourse; Necropolitics; Laudemir Case.

RESUMEN

Este trabajo buscó investigar cómo se produjo la circulación de noticias en la versión online del diario *Estado de Minas* sobre el asesinato de Laudemir de Souza Fernandes a manos de Renê da Silva Nogueira Júnior, a partir de los títulos y subtítulos de los reportajes, en lo que se conoció como "el caso del barrendero". El recorte consideró el período que va del 11 de agosto, día de la muerte, hasta el 21 de agosto de 2025, 48 horas después de la confesión del crimen, para analizar discursivamente los enunciados presentados, señalando las diferencias encontradas en el trato recibido por Laudemir y Renê en el medio de comunicación. Para ello, se utilizó como metodología el Análisis del Discurso de base enunciativa (Maingueneau, 2004; 2006; 2015), partiendo del principio dialógico y de la noción de género de discurso propuestos por Bakhtin (2000), a los que se suman los conceptos de signo ideológico (Volóchinov, 2017) y lenguaje-intervención de Rocha (2006). Para comprender el lugar de la "otredad" en el que se encuentran las personas negras en la sociedad brasileña, el trabajo estableció un diálogo con los conceptos de raza (Hall, 2017), necropolítica (Mbembe, 2018), dispositivo de racialidad (Carneiro, 2023) y sujeto (hooks, 1989). Como resultado, se analizaron 82 artículos, mostrando un esfuerzo de *Estado de Minas* por presentar diferentes facetas de Renê a lo largo de la narrativa y reforzar a Laudemir únicamente como "el barrendero".

Palavras-chave: Raza y racismo; Medios hegemónicos; Discurso; Necropolítica; Caso Laudemir.

1. INTRODUÇÃO

Diariamente nos deparamos com uma enxurrada de informações proveniente das mais diversas fontes. Um elemento comum de destaque, em materiais escritos, é o título, o

enunciado que convoca a atenção para o conteúdo em questão. Nele, espera-se encontrar o cerne da informação e aquilo a que ela se refere. Partindo da análise de portais jornalísticos, uma pergunta norteia as manchetes que tratam de temáticas envolvendo pessoas: quem são os sujeitos nomináveis? Tal questionamento passa por inúmeras variáveis, que vão desde o cunho do discurso em circulação – seja ele de caráter positivo ou negativo – até a percepção de relevância atribuída à pessoa citada pelo veículo comunicacional e por sua audiência. Esta ideia de relevância é atravessada por fatores culturais, históricos e simbólicos, que não podem ser compreendidos sem que seja traçado um paralelo com as noções de raça e classe.

Na sociedade brasileira, marcada por um passado escravagista, que privou pessoas negras de direitos por anos, o poder do Estado se manifesta na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. E não há dúvidas de quem são os indivíduos considerados, historicamente, como de menor valor. Durante este período, que apresenta reflexos ainda nos dias de hoje, negros e negras foram desprovidos de estatuto político e reduzidos a seus corpos (Mbembe, 2018, p. 08), ganhando o status de coisa. Esse distanciamento da ideia de sujeitos, apontados por hooks (1989, p. 42) como aqueles que têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades e nomear suas histórias, colocou pessoas negras em uma posição social desfavorável, mesmo em um país onde representam a maioria numérica da população. É importante apontar que as disputas simbólicas em prol dos significados sobre o que é ser ou não sujeito têm na raça um elemento fundante. Segundo Kilomba (2019), o branco, percebido como a norma, o padrão, projeta para fora de si aquilo que considera aspectos negativos do seu “eu”, criando o chamado “outro”, com o qual se encontra em uma relação cíclica de antagonismo. Entre os aspectos negativos de repulsa podemos citar a violência e a brutalidade.

Das bases da suposta democracia racial, que mascara as desigualdades sobre as quais o Brasil se estrutura, surge o mito da não-violência (Chauí, 1995, p.73), que crê numa imagem de povo ordeiro e pacífico, alegre e cordial, mestiço e incapaz de discriminações étnicas, religiosas ou sociais, acolhedor para os estrangeiros, generoso para com os carentes, orgulhoso das diferenças regionais e destinado a um grande futuro. Sua sustentação se dá através de mecanismos como a exclusão, capaz de diferenciar “nós-brasileiros-não-violentos” e um “eles-não-brasileiros-violentos” (Chauí, 1995, p.73), dando a caracterização de outridade aos ditos violentos, facilmente identificados pelo alto teor de melanina em sua pele. O outro é aquele que vive à margem, que não possui humanidade, é descartável e tem sua vida desprovida de valor.

Para justificar que esse outro vale menos, cria-se, no imaginário popular, a emergência de um inimigo que precisa ser combatido e exterminado, o negro. O racismo então se apresenta como “uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, este velho direito do soberano de matar. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a função da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado” (Mbembe, 2018, p. 18). No contexto atual, onde emerge a ideia de que o Estado falha em suas funções sociais e políticas, o chamado “cidadão de bem”, representado pela figura do homem branco, hétero e cristão, sente-se impelido a fazer valer a lógica necropolítica, onde está claro, diante de sua posição de sujeito, que ele deve combater a ameaça que representa a existência dos não sujeitos.

No país onde 96 pessoas negras, em média, são assassinadas por dia¹, notícias que relatam tais mortes fazem parte do cotidiano dos portais de informações nacionais, gerando certo grau de banalização, diante da repetição. No dia 11 de agosto de 2025, Laudemir de Souza Fernandes, homem negro, de 44 anos, passou a integrar as estatísticas. Ele foi assassinado enquanto trabalhava, em Belo Horizonte. Testemunhas contam que Renê da Silva Nogueira Junior, o executor, se irritou com a presença de um caminhão de lixo na rua, que impedia a passagem de seu carro e efetuou disparos com arma de fogo. Um deles atingiu o abdômen de Laudemir, que estava no local e desempenhava a função de gari. O caso chocou pela crueldade do assassino, visto, logo após o crime, passeando com seu cachorro e indo à academia. Do momento em que o caso se tornou público, até o aceite, por parte da Justiça de Minas Gerais, da denúncia do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) contra Renê, cerca de um mês transcorreu.

O presente artigo analisa discursivamente o apagamento da identidade de Laudemir, tratado a maior parte do tempo apenas como “o gari”, a partir dos títulos e subtítulos de matérias da versão online do jornal Estado de Minas, no período entre 11 de agosto (dia do assassinato) e 21 de agosto de 2025 (dois dias após a confissão de culpa de Renê). O veículo foi escolhido por se tratar de um importante canal de comunicação no estado e ter feito uma ampla cobertura do caso, com mais de 80 matérias publicadas no período que compõem o corpus desta análise. Cabe aqui destacar as nuances derivadas da versão online que, diferente da versão física de um jornal, permite diversas atualizações de um mesmo caso ao longo do dia, o que pode acarretar manchetes repetidas e com pouca diferenciação de conteúdo. O

¹<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/seguranca/audio/2025-05/pessoas-negras-seguem-sendo-maioria-das-vitimas-de-homicidio-no-pais#:~:text=Noventa%20e%20seis%20s%C3%A3o%20assassinadas,%20C%20no%20Rio%20de%20Janeiro.>

objetivo deste trabalho é compreender como se deu a circulação de informações sobre o caso e apontar as diferenças encontradas nos tratamentos recebidos por Laudemir e Renê no veículo de imprensa. Para tal, será utilizada como metodologia a Análise do Discurso enunciativa (Maingueneau, 2004; 2006; 2015), partindo do princípio dialógico e da noção de gênero de discurso propostos por Bakhtin (2000), que se acrescem dos conceitos de signo ideológico (Volóchinov, 2027) e linguagem-intervenção de Rocha (2006).

2. PELE-ALVO: A DEMARCAÇÃO HISTÓRICA DE CORPOS MATÁVEIS

O Brasil é o país com a maior população negra fora do continente africano. Uma análise desatenta à história e de viés simplista pode interpretar este fato como símbolo óbvio de poder, atrelado ao contingente populacional. No entanto, a estatística que salta aos olhos é a de que mais de 77% dos homicídios ocorridos em território nacional se dão contra a vida desta parcela de pessoas, de acordo com dados do Atlas da Violência (2025). A herança escravagista deixou marcas não apagadas e reflexos percebidos ainda hoje no modo como a sociedade se organiza. Assim, a compreensão da noção de raça apresenta-se como um elemento central para o início desta discussão e, para tal, adotamos neste estudo a proposição de Hall (2017, p.1), que a define como um dos principais conceitos que organiza os grandes sistemas classificatórios da diferença que operam em sociedades humanas. Através do deslocamento da sustentação conceitual de raça como um marcador de diferença na ciência biológica ou genética, que se mostra insustentável, para uma definição sócio-histórica ou cultural, Hall a situa como um significante flutuante. Desta forma, ao se assemelhar mais a uma linguagem que à constituição biológica das pessoas, raça é um conceito que evoca uma construção discursiva e deve ser analisado a partir do campo das disputas simbólicas de narrativa.

Nesse ínterim, as relações raciais se apresentam de forma hierarquizada, organizadas por meio do dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023), que prevê um conjunto de práticas através das quais o racismo se manifesta, entre elas o discurso. Cabe apontar que este dispositivo encontra, no que Mills (2023) chama de “acordo” entre os que se percebem e se reconhecem como “racialmente hegemônicos”, os brancos, uma forma de operar, justificada por uma prevalescência racial, que se alia à classe como ferramenta de distinção. Em uma sociedade marcada pela exploração física e intelectual de pessoas negras, brancos detêm o poder financeiro e a possibilidade de construir narrativas positivas sobre si por meio da dominação dos veículos de informação. Nesse contexto, produz-se a imagem do outro como

sujeito desprovido de subjetividade, funcional aos interesses da classe dominante. O negro, não percebido como sujeito, ocupa o lugar de outridade, uma estratégia perversa da branquitude para perpetuação de seus privilégios e deslegitimação de identidades. Aqui, negros e negras não são entendidos como pessoas, mas sim com coisas, passíveis de serem descartadas de acordo com a necessidade e o desejo daqueles autodesignados sujeitos.

Para melhor entender essa distinção, é preciso compreender o que implica ser um sujeito. Esta categoria é classificada por hooks (1989) como a daqueles detentores do direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas identidades pessoais e nomear suas histórias, em um lugar que lhes dá poder para conduzir e estruturar narrativas. Como tratamos aqui do campo discursivo, cabe apontar que ser sujeito implica ter a autonomia para falar de si, mas também para construir narrativas sobre o que não se é ou como não se quer ser percebido. Kilomba (2019) aponta para o fato do branco se entender como norma, projetando para fora de si o que considera aspectos negativos de sua personalidade e transferindo para o outro o fardo de ser tudo aquilo que é negado nessa identidade. O outro, acumulando características como brutalidade, violência, preguiça, falta de organização, entre outros aspectos tidos como negativos, é visto em um lugar de coisa.

A ausência de subjetividade forjada incute, no imaginário social branco, a crença na existência de um inimigo comum que deve ser eliminado em nome de um suposto bem-estar social, já que sua vida vale menos – ou não vale nada. Esse outro é reduzido à condição de objeto, e a consolidação dessa posição se dá por meio de narrativas que reforçam a imagem da pessoa negra como descartável. Ora, se não há identidade, negada paulatinamente pelo apagamento de uma ancestralidade rica em saberes e fazeres, que valor pode ter a vida dessa pessoa? O período escravagista no Brasil e, posteriormente, as políticas eugenistas de embranquecimento da sociedade, são pilares centrais para entender como as relações raciais no país se estabelecem ainda hoje. A histórica desumanização de pessoas negras e a criminalização de seus atos, como por exemplo, a criação da Lei da Vadiagem (1941), que tipificava como contravenção penal o ócio, ligado à ausência de atividade laboral, inserida em um contexto pós-abolição, onde nenhuma política de apoio aos recém-libertos foi implementada, criou um cenário minuciosamente elaborado e discutido pelas elites brancas, para condenar pessoas negras à morte.

O Estado desempenhou papel fundamental nessa articulação, ao definir o inimigo comum e, conseqüentemente, delimitar quem eram/são os corpos matáveis, que precisam ser eliminados ou que, no ato de sua eliminação, não farão falta ou não irão gerar comoção

generalizada. A perspectiva necropolítica de vida-morte, que empilha corpos negros como estatística de política de segurança para o bem comum, cria uma falsa ideia de que estamos falando apenas de números, afinal, não há identidade em disputa. Elias (1976) indica que o processo de perpetuação da ideologia racista e escravagista no Brasil é pautado no exercício da violência material e simbólica. Pessoas negras crescem nesse ambiente hostil e aprendem, desde muito cedo, que o Estado não é um aliado nem atua na defesa de seus interesses. Assim, torna-se necessário, antes de tudo, provar que não se é o inimigo comum para, só então, buscar formas de assegurar o direito básico à vida. Assim, a busca incessante para alcançar o lugar de sujeito não figura apenas no campo do desejo, mas da necessidade. A passagem de objeto a sujeito é um movimento de sair do lugar de “outridade”, como propõe Kilomba (2019), e de nos inventarmos a nós mesmos, enquanto negros e negras, de um novo modo que nos permita ressignificar nossos lugares. Para isso, é crucial que ocorram os processos complementares de oposição e reinvenção, uma vez que só a oposição ao sistema não é suficiente para a mudança, é preciso recriar as narrativas e estruturas que historicamente nos relegaram a posição de escória da sociedade. A mídia, como veículo de massas e ferramenta potente de difusão de narrativas e construção de percepções coletivas, exerce papel estratégico nessa engrenagem. É a partir deste recorte, que buscamos responder à pergunta: como a mídia atua na redução de pessoas negras a uma função social, através do apagamento da condição de sujeito, diariamente buscada, e da negação de elementos básicos como nome e história?

3. A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS SOBRE NEGRITUDES PELA MÍDIA HEGEMÔNICA

Uma pessoa que folheie um jornal ou faça a leitura de sua versão online provavelmente irá se deparar com a notícia de algum homicídio. Em 2025, Laudemir de Souza Fernandes, infelizmente. Só em 2024, o Brasil atingiu a marca de 39 mil assassinatos, segundo dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública². O Anuário Brasileiro de Segurança Pública, que se baseia em informações fornecidas pelas secretarias de segurança pública estaduais, pelas polícias civis, militares e federal, entre outras fontes oficiais da Segurança Pública, mostrou que entre as vítimas, 91,1% são homens e 79% negros³. Em 2025, Laudemir de Souza Fernandes tornou-se parte dessa estatística.

² Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/01/17/assassinatos-brasil-ministerio-justica.ghtml> Acessado em 16/10/2025

³ Disponível em <https://forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/> Acesso em 16/10/2025

Retomando o objetivo deste estudo, de compreender como se deu a circulação de informações sobre a morte e apontar as diferenças encontradas nos tratamentos recebidos por Laudemir e Renê, o assassino, na versão online do Estado de Minas, torna-se elementar o debate sobre como a mídia hegemônica retrata corpos brancos e negros em suas reportagens, quando o assunto é violência. Assumindo a virada do século XIX para o XX como um momento de grandes mudanças na sociedade brasileira, especialmente o fim legal da escravização de pessoas negras, é basilar sublinhar que a mídia, neste recorte representada pelos jornais, teve papel fundamental na construção de narrativas circulantes e no que era percebido, a partir de uma lógica maniqueísta, como bom e ruim, amigo e inimigo, violento e puro. Na engrenagem colonial, a raça constituiu-se como um marcador de diferença capaz de determinar distinções desconsiderando a subjetividade de pessoas negras, tratadas como objetos de livre comercialização até bem pouco tempo atrás.

Quijano (2005, p.118) indica que as novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho. Deste modo, raça e divisão do trabalho foram estruturalmente associados e reforçando-se mutuamente, apesar de não haver, necessariamente, qualquer dependência entre eles, resultando em uma sistemática divisão racial do trabalho. O autor considera a distribuição racista do trabalho no interior do capitalismo colonial/moderno como um pilar de sustentação do período colonial, onde cada forma de controle do trabalho esteve relacionada a uma raça particular, o que relegava a negros e negras as funções de subserviência que, em diversos casos, não eram sequer remuneradas. Por outro lado, às pessoas brancas cabiam os cargos de poder e decisão. Sendo a mídia uma importante ferramenta de difusão de ideias, não é complexo pensar quem eram os indivíduos por trás da fundação de veículos de imprensa que circulam até os dias de hoje, como é o caso do Estado de Minas, criado em 1928.

A imprensa desempenhou e segue desempenhando um papel mobilizador sobre a imagem de pessoas negras na sociedade brasileira. Enquanto os jornais, elementos de circulação de informações, tratavam-nas como mercadoria e, posteriormente, noticiavam a vadiagem com crime, estampando imagens estereotipadas, violadas e violentas desta parcela da população, condenando, desvalorizando e mistificando suas culturas e tradições, foi-se insistentemente moldando um imaginário de repulsa, por parte da elite branca, detentora do capital. Os atores sociais percebidos como os verdadeiros sujeitos de valor precisavam de distanciar desta imagem suja a atroz transferida a negros e negras. Fazia-se necessário e urgente a consolidação do negro como inimigo a ser combatido e os processos de eugenia,

que objetivavam o branqueamento do país, levantaram tal bandeira com afincos singular, apoiados pelos veículos de imprensa.

Ainda na esfera do trabalho, segundo Quijano (2005, p.120), a classificação racial da população e a associação das novas identidades raciais dos colonizados com as formas de controle não assalariado do trabalho, como a escravidão, desenvolveu entre as elites a percepção de que o trabalho pago era privilégio de pessoas brancas. A ativação do dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023) é usada para distinguir racialmente superiores e inferiores. Assim, para compreender as razões pelas quais pessoas negras ocupam, ainda hoje, a maior parte dos postos de emprego ligados a atividades pouco valorizadas intelectualmente e relacionadas ao labor, faz-se necessário considerar a perspectiva da colonialidade do poder. Cabe aqui demarcar que não se trata de um mecanismo simplório e brevemente estabelecido. Estamos falando de uma engrenagem, amplamente estruturada pelo Estado, de modo a forçar a população negra, no pós-abolição, a se ver sem opções. A ausência de políticas públicas, o descaso e a falta de suporte para os milhares de negros recém libertos, o incentivo financeiro para substituição da mão de obra nacional por imigrantes europeus brancos, somados a uma construção racista de descaso contra pessoas negras, limitaram os processos de desenvolvimento social desta parcela da população. No arremate dos discursos em prol da prosperidade nacional e das ideias ufanistas de nação clamando por progresso, havia um elemento materializado como âncora, do qual era necessário que o Brasil se livrasse de uma vez por todas, para, finalmente, conseguir se desenvolver plenamente: o negro. E a mídia foi feroz em promover um senso coletivo de necessidade de extermínio deste inimigo comum.

Blanco (2019, p.19) argumenta que a questão racial pode ser considerada a base dos diversos conflitos sociais que enfrentamos atualmente e a mídia, por meio de operações discursivas de estigmatização, silenciamento e subalternização da população negra, favorece a morte social e simbólica destas pessoas. Este trabalho busca entender quais são as consequências destes processos, diante da lógica necropolítica sob a qual opera o Estado brasileiro, que tem na mídia uma importante aliada. Por definição, a mídia hegemônica é entendida, segundo Gramsci (2004), como o conjunto de veículos de mídia sustentados pelos interesses das grandes corporações, oferecendo suporte para a existência do sistema econômico e social vigente. Dela fazem parte grandes conglomerados de comunicação, que ocupam uma posição privilegiada na ordem social, tendo entre suas características o transporte de signos, a garantia da circulação ágil de informações, a movimentação de ideias e

o trânsito por cenários onde as práticas sociais se fazem, além de recolher, produzir e distribuir conhecimento e ideologias (Marx e Engels, 1977).

O Estado de Minas, veículo escolhido para esta análise, é parte do Diários Associados, mais antigo conglomerado de mídia brasileiro, fundado na década de 1920 pelo empresário e jornalista Assis Chateaubriand⁴ e já ocupou a posição de maior conglomerado do setor no Brasil. Atualmente, em Minas Gerais, os Diários Associados são formados pelo jornal Estado de Minas, um dos mais tradicionais do país, pela TV Alterosa, afiliada do SBT e com presença em todo território mineiro por meio de cinco emissoras próprias, pelo jornal popular Aqui, pela rádio Clube FM e pelo Uai, o maior portal regional do país⁵. A inserção do Estado de Minas em uma estrutura tão robusta e consolidada lhe confere respaldo, o que contribui para a difusão das mensagens que ele deseja transmitir. Cabe destacar que o levantamento de dados deste material tem como base a versão online do jornal, que possui uma dinâmica de produção jornalística marcada pela repetição de frases e “republicações” de informações nas notícias ao longo de um mesmo dia, fato que não é exclusividade do veículo citado.

A mídia, tratada aqui como vetor catalisador de informações, tem nas notícias um gênero discursivo capaz de traduzir ideias. Bakhtin (2000) categoriza gêneros do discurso como tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo, que os torna semelhantes. Assim, as notícias operam com um conjunto de dados, previamente coletados, analisados e transcritos e os veículos de mídia hegemônica utilizam de suas ferramentas de poder, para incutir a ideia de prestação de serviço com a transmissão pura e simples de informações. No entanto, Sant’Anna (2003) discorre que, embora a função enunciativa primeira da imprensa seja informar, sua base enunciativa perpassa um tensionamento entre os atos de informar e opinar, fato este que deixa traços de adesão e oposição em relação aos temas abordados, o que a torna parte do processo. Este é um ponto crucial, uma vez que a linguagem age intervindo e construindo o social (Rocha, 2006) e a mídia, com seu amplo potencial de difusão, tem em suas mãos o poder de levar sua mensagem a um grande número de pessoas. Assumindo como premissa a perspectiva bakhtiniana, que estabelece que todo discurso é construído com base em outros discursos e reflete seus elementos, os enunciados midiáticos estão repletos de ecos e ressonâncias, que os conectam através da identidade da esfera de comunicação discursiva. Deste modo, ainda que a mídia hegemônica reforce a ideia de neutralidade e ausência de

⁴ Disponível em http://www.meiosnobrasil.com.br/?page_id=564 Acessado em 17/10/2025

⁵ Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2023/05/25/interna_nacional.1498234/associados-minas-tem-nova-gestao.shtml Acessado em 17/10/2025

vieses em sua construção dialógica, é inegável a presença de significados em disputa nas narrativas expostas diariamente.

Entre esses significados está o papel ocupado por negros e negras na sociedade. Com o alarmante número de que 79% das mortes violentas intencionais no Brasil são contra pessoas negras, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2025, somado ao histórico escravagista do país e o lugar de outridade conferido a essa parcela da população, este trabalho busca analisar, a partir do caso de Laudemir de Souza Fernandes, como a mídia hegemônica desumaniza corpos negros, pondo em prática o dispositivo da racialidade para categoriza-los como não sujeitos, por meio de marcadores discursivos que promovem a desvalorização de suas identidades, tendo a perspectiva necropolítica como norte.

4. CATEGORIAS ANALÍTICAS NA CONSTRUÇÃO DO CASO LAUDEMIR

Lage (1987, p.16) define a notícia no jornalismo moderno como o relato de uma série de fatos que se descortinam a partir do fato mais importante ou interessante, salientando que o processo não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los. O distanciamento conceitual da narração, que implicaria uma voz ativa, para a exposição, que coloca as informações como dadas, é um ajuste sutil, que corrobora com a noção, amplamente difundida, do jornalismo como neutro. Hall (1981, p.35), no entanto, vai argumentar que não há de fato naturalidade ou neutralidade, mas um código estrutural ideológico que configura um dos mais opacos arcabouços de sentido da sociedade moderna. Quem fala é a instituição, o jornal, que se apresenta com uma única preocupação: informar.

Como já discutido anteriormente, não há discurso sem eco e as construções feitas em veículos de mídia hegemônica ecoam discursos consolidados socialmente. No Brasil, uma das mais fortes é a do negro como escória da sociedade, inimigo comum, que precisa ser eliminado. Não tem nome, identidade ou história, é coisa. Por outro lado, o branco, entendido como norma, não tem sua condição de sujeito confrontada, é percebido como indivíduo, tem direitos e sua imagem é capaz de gerar comoção, afastar suspeitas e, diante disso, a priori, ser protegida. Foi nesse contexto que, em 11 de agosto de 2025 a versão online do jornal Estado de Minas, autointitulado como “o jornal dos mineiros”, noticiou o assassinato de Laudemir de Souza Fernandes. A análise do caso se dá pela indignação diante das sucessivas notícias sobre “o caso do gari”, em diferentes veículos de mídia. Já a escolha do Estado de Minas, em sua versão online, como canal para este estudo é delineada por este se tratar de um importante portal de comunicação no estado, que realizou ampla cobertura do caso, com mais de 80

matérias publicadas em meio virtual no período que compõe o corpus desta pesquisa: 11 de agosto de 2025 (data do assassinato) a 21 de agosto de 2025 (48h após Renê ter confessado o assassinato de Laudemir).

Para realizar o levantamento de informações, utilizou-se o campo de busca da versão online do jornal (<https://www.em.com.br/>), procurando, inicialmente, pelo nome de Laudemir. No intervalo entre 11 de agosto e 13 de outubro, enquanto este material era redigido, foram encontrados 56 resultados. Por outro lado, ao buscar por gari, no mesmo período, foram encontrados 135 resultados que fazem menção ao caso. Diante deste cenário, optou-se pela segunda opção, ampliando o escopo de análise para encontrar as citações referentes à morte de Laudemir. Entendendo que a escolha pelas formas de nomeação de fatos e sujeitos nunca é aleatória, mas índice de um discurso, uma vez que, para Bakhtin e seu círculo a palavra é o signo ideológico por excelência (Volóshinov, 2017), assumimos a premissa proposta pelo autor de que “importante não é tanto a natureza sígnica da palavra, mas a sua onipresença social” (p. 106). Assim, o signo ideológico nos permite observar a linguagem não como um sistema abstrato de formas, mas como um fenômeno social e material.

Dentro do recorte indicado para a pesquisa foram tabuladas as seguintes informações: dia de veiculação da notícia, horário, palavra-chave (indicada pelo próprio jornal, como uma espécie de categorização de temas), título, subtítulo e imagem que a ilustra. O corpus a seguir é composto de 82 notícias, publicadas entre 11 e 21 de agosto de 2025 e será analisado à luz da Análise do Discurso de base enunciativa (Maingueneau, 2004; 2006; 2015), assumindo como premissas o princípio dialógico (Bakhtin, 2000), onde os discursos se constituem em diálogo com outros discursos, tendo seus ecos em constante circulação; a notícia tratada como um gênero discursivo (Bakhtin, 2000); a linguagem-intervenção (Rocha, 2006) da mídia conectada ao dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023), para distinguir o modo como pessoas negras e brancas serão tratadas nas páginas de jornal.

Após a tabulação das reportagens, a partir dos critérios já listados acima, foi feita uma divisão em dois blocos, considerando a ordem cronológica de publicação das notícias e de circulação de informações pelo site do Estado de Minas. No bloco 1 estão notícias dos três primeiros dias do caso, quando o jornal divulgou mais de 8 matérias por dia sobre o mesmo, somando 38 textos no período. O bloco 2 considera os dias seguintes, onde o volume de matérias não passou de 8 por dia, chegando a não ter qualquer matéria sobre o caso em um deles, totalizando 44 notícias em oito dias. Para fins de organização e adequação ao formato, os quadros aqui apresentados terão omitidos seus dados de horários e imagens. Estas últimas,

no entanto, seguirão como parte da análise. Cabe ressaltar que a coluna de “categoria” apresentada nas tabelas é dada pelo próprio jornal, que enquadra os enunciados em um certo modo de compreensão, a partir de sua nomeação e dos signos ideológicos ali envolvidos.

DATA	CATEGORIA JORNAL	TÍTULO	SUBTÍTULO
11/ago	HOMICÍDIO	BH: gari é assassinado por causa de briga de trânsito	Crime aconteceu no bairro Vista Alegre, na Região Oeste de Belo Horizonte; vítima foi socorrida por populares e levada para o Hospital Santa Rita, onde faleceu
11/ago	EM BH	Suspeito de matar gari após discussão de trânsito é preso em BH	Laudemir de Souza Fernandes trabalhava em uma rua do Bairro Vista Alegre quando foi atingido por disparos de arma de fogo. Suspeito fugiu do local do crime
11/ago	EM BH	Suspeito de matar gari é identificado como marido de delegada da PC	Laudemir de Souza Fernandes, de 44 anos, foi atingido por disparos de arma de fogo no abdômen após ele e os colegas serem ameaçados
11/ago	EM BH	Arma usada em homicídio de gari é apreendida e seria de delegada da PCMG	Renê Júnior é empresário e foi encontrado pela Polícia Militar em uma academia na Avenida Raja Gabaglia. Ele teria ameaçado a vítima e seus colegas
11/ago	TRAGÉDIA	Gari morto após ameaças no trânsito será velado nesta terça em Contagem	Laudemir de Souza Fernandes, 44 anos, trabalhava em uma rua de Vista Alegre quando foi atingido por disparos de arma de fogo. Suspeito é marido de delegada
11/ago	HOMICÍDIO	Morte de gari foi 'crueldade', diz dono de empresa onde vítima trabalhava	O trabalhador foi morto por disparos de arma de fogo na manhã desta segunda-feira (11/8). O suspeito foi levado ao DHPP para depor
11/ago	HOMICÍDIO	Morte do gari: a motorista do caminhão e colegas são ouvidos pela polícia	Testemunhas do homicídio de Laudemir de Souza Fernandes estão depondo no DHPP, assim como o suspeito do crime
11/ago	DISCUSSÃO NO TRÂNSITO	Morte de gari em BH: empresário suspeito nega que tenha cometido o crime	Laudemir de Souza Fernandes, de 44 anos, foi atingido por disparo de arma de fogo após ele e os colegas serem ameaçados
11/ago	DISCUSSÃO NO TRÂNSITO	Morte de gari em BH: o que levou a PM a prender empresário suspeito	Laudemir de Souza Fernandes, de 44 anos, foi atingido por disparo de arma de fogo após ele e os colegas serem ameaçados
12/ago	CEO DE VENDAS	Quem é o empresário suspeito de matar gari com um tiro em BH	Renê da Silva Nogueira Junior, preso pela Polícia Militar, negou ter atirado contra Laudemir de Souza Fernandes; o empresário prestou depoimento nessa segunda
12/ago	CRIME EM BH	Morte de gari: empresário estava "frio" e "sem sentimento", diz testemunha	Crime aconteceu no bairro Vista Alegre, na Região Oeste de Belo Horizonte; vítima foi socorrida por populares e levada para o Hospital Santa Rita, onde morreu

12/ago	ASSASSINATO NA CAPITAL	Empresário suspeito de matar gari com um tiro em BH está preso no Ceresp	Audiência de custódia de Renê da Silva Nogueira Júnior deve acontecer ainda nesta terça-feira; ele é casado com a delegada Ana Paula Balbino Nogueira
12/ago	DEMISSÃO	Suspeito de matar gari é desligado de empresa	Recém-contratado da Fictor Alimentos LTDA é suspeito de cometer crime durante discussão de trânsito em BH; vítima morreu atingida por um disparo
12/ago	INVESTIGAÇÃO	Três testemunhas reconheceram o suspeito de matar gari em BH	Testemunhas reconheceram o empresário preso suspeito de matar a tiros o gari Laudemir de Souza Fernandes, de 44 anos, na manhã desta segunda-feira (11/8)
12/ago	DESPEDIDA	Revolta e clamor por justiça marcam velório do gari assassinado em BH	Laudemir de Souza Fernandes foi morto por um tiro disparado, segundo a polícia, por Renê da Silva Nogueira Júnior
12/ago	ASSASSINATO EM BH	Polícia Civil investiga delegada esposa de suspeito de matar gari	O empresário Renê da Silva Nogueira Júnior matou o gari Laudemir de Souza Fernandes no momento em que a vítima trabalhava
12/ago	ASSASSINATO EM BH	Simões sobre marido de delegada suspeito de matar gari: 'Covarde'	Vice-governador de Minas Gerais também apontou que o crime teve base na violência contra a mulher, uma vez que o suspeito discutiu com a motorista do caminhão
12/ago	SENTIMENTO DE REVOLTA	'Violência bárbara e inaceitável', protesta sindicato contra morte de gari	Polícia ouve testemunhas para apurar homicídio durante coleta de lixo no Bairro Vista Alegre, em BH (MG)
12/ago	DESPEDIDA	Gari assassinado: familiares e colegas gritam por justiça em sepultamento	Colegas de profissão e viúva da vítima compareceram uniformizados à despedida
12/ago	LUTO	Corpo de gari é sepultado na Grande BH nesta terça-feira (12/8)	-
12/ago	HOMICÍDIO	'Foi assassinado fazendo o que amava', diz viúva de gari morto em BH	Liliane França da Silva pediu por justiça pela morte de Laudemir de Souza Fernandes, morto nessa segunda-feira (11/8)
12/ago	BRIGA DE TRÂNSITO	Suspeito de matar gari em BH passará por audiência de custódia nesta quarta	Audiência de custódia de Renê da Silva Nogueira Júnior, suspeito de matar gari com a arma da esposa delegada, está sob sigilo de Justiça
12/ago	BRIGA DE TRÂNSITO	Morte de gari: Justiça coloca sigilo em audiência de custódia do suspeito	Sessão marcada para quarta-feira (13/8) vai decidir se prisão de empresário suspeito de assassinar gari em Belo Horizonte será mantida
12/ago	HOMICÍDIO	'Você vai matar a gente trabalhando?', gritou gari antes da morte de colega	No sepultamento de Laudemir de Souza Fernandes, morto a tiro, o gari Tiago Rodrigues contou sobre o testemunho do homicídio

12/ago	MORTO A TIRO	Morte de gari: PCMG diz que não há indícios de participação de delegada	Delegado diz que é preciso confirmar se a arma do crime é a mesma entregue pela mulher de Renê e, então, verificar se houve permissibilidade
12/ago	DEPOIMENTO	Morte de gari em BH: empresário diz que não estava no local do crime	Suspeito relatou que no dia do ocorrido, saiu de casa e se dirigiu até a empresa onde trabalha, em Betim, na Região Metropolitana
12/ago	EM INVESTIGAÇÃO	Morte de gari: Justiça derruba sigilo de prisão de empresário	Audiência que vai decidir se Renê da Silva Nogueira Júnior, de 47 anos, vai continuar preso ou responder inquérito em liberdade será nesta quarta-feira (13/8)
13/ago	PRISÃO	Suspeito de matar gari em BH continuará preso preventivamente	Flagrante foi convertido em prisão preventiva em audiência de custódia realizada na manhã desta quarta-feira (13/8)
13/ago	ASSASSINATO EM BH	Veja o que o suspeito de matar gari disse em depoimento à polícia	Renê da Silva Nogueira Junior está preso preventivamente suspeito de matar com um tiro o gari Laudemir de Souza Fernandes, que trabalhava no momento do ataque
13/ago	CASO GARI	Suspeito de matar gari tem passagens por ameaça de morte e lesão contra ex	Renê da Silva Nogueira Junior está preso preventivamente sob a acusação de ter matado o gari Laudemir de Souza Fernandes em meio a uma briga de trânsito
13/ago	DEPOIMENTO	Gari assassinado cobria licença de colega que se machucou	Laudemir de Souza Fernandes foi morto com um tiro no abdômen em uma discussão de trânsito durante o trabalho
13/ago	EM INVESTIGAÇÃO	Imagem de câmera de segurança mostra gari logo depois de ser baleado	Laudemir de Souza Fagundes foi morto com um tiro de revólver; principal suspeito de cometer o crime já foi identificado e preso
13/ago	ASSASSINATO EM BH	Gari morto em BH comemorava conquista da guarda da filha	Segundo relato da motorista do caminhão de coleta de lixo, Laudemir havia dito que precisava chegar em casa antes das 18h para visita do Conselho Tutelar
13/ago	HOMICÍDIO	Morte de gari: deputada pede apuração de tratamento policial ao suspeito	A parlamentar acredita que o fato de o suspeito de cometer o crime não ter sido algemado e não ter ido no camburão podem indicar possível privilégio
13/ago	ASSASSINATO EM BH	Suspeito de matar gari está preso com o filho que esganou a mãe professora	Renê da Silva Nogueira Júnior estava no Centro de Remanejamento do Sistema Prisional da Gameleira (Ceresp Gameleira)
13/ago	HOMICÍDIO	‘Carro não é meu’, diz suspeito de matar gari sobre veículo usado no crime	A afirmativa foi dada em audiência de custódia realizada nesta quarta-feira (13/8). Renê da Silva Nogueira Junior está preso preventivamente
13/ago	MORTE DE GARI EM BH	‘Passei por situação constrangedora na prisão’, diz suspeito de matar gari	Renê da Silva Nogueira Júnior, de 47 anos, passou por audiência de custódia na manhã desta quarta-feira (13/8), quando prisão foi convertida em preventiva

13/ago	CRIME EM BH	Suspeito de matar gari é autorizado a usar antidepressivo na prisão	Juiz determinou que a unidade prisional "forneça atendimento médico e medicamentoso ao autuado". Se houver disponibilidade, dê um colchão ao preso
--------	-------------	---	--

Quadro 1 – Bloco 1 de notícias sobre o assassinato de Laudemir de Souza Fernandes (11 a 13 de agosto de 2025). Fonte: elaborado pela autora (2025)

Como todo o corpus de notícias que compõem este trabalho é oriundo da versão online do jornal Estado de Minas, os textos não serão tratados de forma isolada, mas como parte de um grande discurso produzido de forma sequencial pelo mesmo enunciador, o jornal. Para fins de aprofundamento das análises, a autora propõe uma outra categorização, composta por 4 pilares, sendo eles:

2. **Designação/nomeação:** modo como a categorização proposta pelo jornal e os títulos das notícias nomeiam ou designam os personagens da narrativa, a partir do diálogo com outros discursos. Tratando-se de signos ideológicos, a construção destas perspectivas discursivas aponta para a construção de discursos que operam a partir do dispositivo de racialidade.
3. **Signos verbo-visuais:** análise das imagens que ilustram as notícias, de modo a compreender com que discursos elas dialogam. A variação ou manutenção de uma mesma foto ajuda a construir as identidades dos sujeitos apresentados e se relaciona com outros discursos pré-existentes, atuando também com signo ideológico, desta vez visual.
4. **Conteúdo temático:** observa-se não só o tema, mas como ele é tratado no texto. Este trabalho pretende observar o tratamento do conteúdo temático através dos processos retóricos, que alicerçam as narrativas do jornal.
5. **Vozes do discurso:** é proposto um plano mais amplo, ao invés de uma análise sistemática de cada uma das vozes do discurso, de modo a compreender como se dá tal polifonia.

O primeiro bloco de análises traz as notícias divulgadas nas 72h após o crime. No dia 11 de agosto, data do assassinato, 9 publicações foram feitas no site do Estado de Minas sobre o caso. A primeira delas não apresenta o nome de nenhum dos dois envolvidos, nem da vítima, nem do assassino, mas aponta que se trata da morte de um gari e é enquadrada na categoria de homicídio. Ao longo do dia novas informações foram dadas sobre o caso e categorizadas em temáticas diferentes: BH (Belo Horizonte, cidade em que ocorreu o crime), homicídio, discussão no trânsito e tragédia. Um ponto importante frisado nesta análise é que o

nome de Renê da Silva Nogueira Junior, aparece em apenas 1 das reportagens, em versão reduzida, como Renê Júnior, fato que dificulta sua identificação na busca. Não há sobrenome, marcador nominal que permite, ainda que possam existir homônimos, saber de quem se fala. Ao adotar somente Renê Júnior, o jornal faz uma escolha política de não trazer mais detalhes sobre a identidade do, até então, suspeito. Sendo a internet um grande repositório de informações, que permite que termos sejam buscados, assim como feito para este trabalho, mesmo após o fervor sobre um determinado assunto ter diminuído, é interessante apontar o zelo com a identidade de Renê neste primeiro dia de divulgação de notícias sobre o caso. Em todos os títulos de notícias divulgadas no dia 11 de agosto o termo gari aparece, enquanto a história é descortinada em mais detalhes. No que tange as imagens que ilustram as matérias, a escolha por uma foto de Laudemir retirada das redes sociais, onde ele aparece sério, encarando a câmera (Imagem 1). Com exceção de uma imagem que surge como recorte do card de divulgação do enterro de Laudemir, essa é a única foto dele que ilustra as reportagens do Estado de Minas, até o final desta análise. Por outro lado, Renê é apresentado ao longo do período em diferentes imagens. Neste primeiro momento, ainda como suspeito, materializa-se em uma camisa azul, sorrindo, facialmente harmonizado e exalando o mais alto grau de privilégio na sociedade brasileira: homem, branco, cabelos lisos, bem-vestido.



Figura 1 – À esquerda Renê da Silva Nogueira Junior e Laudemir de Souza Fernandes direita.
Fonte: Site Estado de Minas (11/08/2025)

Cabe destacar que o contraponto das imagens, dentro do contexto social nacional, pode contribuir com a construção de empatia por Renê. Teria este homem branco e sorridente

sido capaz de matar o gari mal-encarado da foto? O que teria motivado o destempero a ponto de ele sacar uma arma e atirar? Essas são perguntas que circundam o imaginário coletivo e trazem em seu cerne um ponto fundamental desta análise: a possibilidade de dúvida. É plantado o “será”, diante da figura do homem branco, sujeito a quem se permite o lugar da justificativa para o ato, o questionamento por suas ações. Não se trata aqui de uma acusação ao inimigo comum, mas sim ao padrão de sujeito do Brasil. Laudemir, na contramão, tem na foto divulgada o reforço de estereótipos enraizados: um rosto sério, que pode ser rapidamente traduzido como agressivo, violento; o tom de pele sobre o qual não restam dúvidas do potencial para “arrumar confusão”. As imagens, vistas lado a lado, parecem ser antagônicas, dialogando com discursos forjados no dispositivo de racialidade, uma vez que elas também são signos ideológicos.

Em 12 de agosto, dia que sucedeu o crime, 18 matérias foram publicadas sobre o caso, o maior volume em um único dia, dentro do período analisado. Assim como na véspera, todos os títulos trazem o termo gari no corpo do texto e o jornal opta por abrir a terça-feira de informações sobre o caso com uma espécie de perfil de Renê. A publicação é enquadrada na categoria do jornal intitulada CEO DE VENDAS. A imagem que ilustra a reportagem é a mesma que segue acima e tanto o título quanto o subtítulo da matéria reforçam o papel de empresário ocupado por Renê, destacando sua posição social, ainda que sem falar diretamente sobre dinheiro e recursos, o que mobiliza a construção de certos sentidos sobre o assassino. O ponto alto do dia é a prisão de Renê, ocorrida na segunda-feira, após ele ter sido encontrado na academia, malhando, horas depois do crime. No decorrer do dia novos destaques são delineados, como o fato de Renê ser marido de uma delegada, o que já o coloca em posição de proteção, por ter “costas quentes” e informar, nas entrelinhas, que não é qualquer um, tem respaldo e garantias de privilégio, como o de ter sua audiência de custódia em sigilo. No entanto, agora o nome de Renê aparece em versão completa na maior parte dos materiais divulgados e uma foto sua fichado, na delegacia, começa a ilustrar parte das reportagens. Sublinhamos nas notícias desse segundo dia os relatos de familiares e amigos de Laudemir, reportando que ele amava o que fazia, a consternação diante do ocorrido e os pedidos por justiça. Atribuímos parte dessa angústia ao conhecimento do sistema vigente, que posterga e deslegitima a urgência de pessoas consideradas “menos importantes” na escala social brasileira. Os colegas de profissão de Laudemir realizam um ato simbólico de irem ao enterro uniformizados, atitude que reflete união dos pares e simboliza o pedido de respeito pela classe, afirmando que não valem menos por serem garis. Um outro ponto é a fala do

vice-governador, Mateus Simões, que traz um novo contorno do caso, ao chamar Renê de covarde, uma vez que a discussão teve início com o assassino discutindo com a motorista do caminhão da empresa de coleta de lixo, uma mulher. No dia 13 de agosto, último dia de análise desse bloco, 11 notícias são divulgadas, entre elas a que relata que Renê tem passagens na polícia por ameaça de morte e lesão corporal contra ex-companheira, recebendo a categorização pelo jornal de CASO GARI. O caso ganha novos contornos, ao mostrar outra face do atirador, até então não exposta, relatando comportamentos agressivos oriundos de outros acontecimentos. As imagens de Renê que ilustram as matérias são alternadas entre ele na delegacia e uma outra foto, em que aparece sorrindo de frente para a câmera, vestindo camisa branca, com músculos sobressalentes. O assassino tem muitas faces.

Destaco no fechamento deste primeiro bloco a notícia do pedido feito pela deputada Andréia de Jesus à Corregedoria da Polícia Militar de Minas Gerais para apurar se não foi concedido privilégio à Renê. Não houve algema no ato da prisão e o acusado foi conduzido para a delegacia no banco da frente da viatura, fato que destoa do protocolo padrão. Ao retomarmos a discussão sobre necropolítica no país, é impossível esquecer do caso de Ganivaldo de Jesus, homem negro, morto por asfixia em Sergipe, no carro de polícia, em 2022⁶. Uma vez que o Estado tem clara a dimensão de quais são os corpos matáveis e o grau de comoção que isso pode gerar, quando alguém que não performa o lugar de violência esperado é acusado de um crime, cabe à máquina criar uma cortina de fumaça em torno de comoção, questões de saúde e constrangimento dito desnecessário. Neste primeiro bloco, as categorizações das notícias, feitas pelo Estado de Minas, transitam, majoritariamente, entre DISCUSSÃO/BRIGA NO TRÂNSITO e HOMICÍDIO, nomeações que se estabelecem como marcadores discursivos dos signos que o veículo de mídia quer apresentar. Seguimos agora para a análise do segundo bloco de notícias.

DATA	CATEGORIA DO JORNAL	TÍTULO	SUBTÍTULO
14/ago	CRIME NO TRÂNSITO	Suspeito de matar gari tem outros registros policiais	Renê da Silva Nogueira Júnior teve prisão em flagrante convertida em preventiva.
14/ago	HOMICÍDIO	Aline Midlej sobre gari morto: ‘Desprezo pela vida e desrespeito às leis’	Apresentadora lamentou a morte do gari assassinado em BH e reforçou que o empresário suspeito de cometer o crime, preso preventivamente, teve desprezo pela vida

⁶ Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/juri-do-caso-genivaldo-morto-asfixiado-em-carro-da-prf-ocorre-hoje-relembre/>. Acessado em 20/10/2025.

14/ago	CRIME EM BH	Renê da Silva Nogueira Júnior é apontado como autor do crime e teve a prisão preventiva decretada na quarta-feira (13/8)	Morte de gari: o que se sabe sobre o assassinato que chocou o país
14/ago	EM INVESTIGAÇÃO	Suspeito de matar gari dá 'carteirada' durante audiência, mas é desmentido	Renê da Silva Nogueira Júnior teria dito a policiais do Ceresp Gameleira que conhece o secretário de segurança pública de MG. Governo negou
14/ago	EM INVESTIGAÇÃO	Morte do gari: suspeito teria chegado ao trabalho 11 minutos após crime	Informações repassadas pela empresa dão conta de que Renê teria sido visto por câmeras de segurança entrando no local, em Betim, às 9h18
14/ago	AUDIÊNCIA	Veja como suspeito da morte de gari reagiu ao saber da prisão preventiva	Renê da Silva Nogueira Júnior está preso no presídio de Caeté. Durante a audiência de custódia a prisão foi convertida em preventiva
14/ago	CRIME EM BH	Morte de gari: entenda por que empresário é tratado como suspeito	Advogado explica que uma pessoa só pode ser considerada culpada por um crime após uma sentença penal condenatória sem a possibilidade de recursos
14/ago	EM INVESTIGAÇÃO	'Tratado como qualquer preso', diz secretário sobre suspeito de matar gari	Renê teria dito a policiais do Ceresp Gameleira que conhece o secretário de segurança pública de MG. Governo desmentiu contato
15/ago	ACESSO AO TELEFONE	Justiça autoriza quebra de sigilo telefônico de suspeito de matar gari	Dados do carro também devem ser entregues pelo fabricante. Objetivo é levantar as rotas percorridas por Renê no dia e nos horários do crime
15/ago	ESTÉTICA	Suspeito de matar gari: especialistas comentam sobre corpo e rosto de Renê	A aparência do suspeito chamou a atenção: características levantaram questionamentos sobre o possível uso de hormônios anabolizantes e procedimentos estéticos
15/ago	EM INVESTIGAÇÃO	Morte do gari: horário de câmera usado como álibi por suspeito está errado	De acordo com informações iniciais da empresa, Renê foi visto por câmeras de segurança entrando no local, em Betim, por volta de 9h18. Crime aconteceu às 9h07
15/ago	EM INVESTIGAÇÃO	Morte de gari: polícia confirma que arma usada no crime pertence à delegada	Laudemir de Souza Fagundes foi atingido por um disparo de arma de fogo. Renê da Silva Nogueira Júnior foi preso como principal suspeito
15/ago	HOMENAGEM EM BH	Morte do gari: mural homenageia vítima em rua onde ocorreu o homicídio	Laudemir de Souza Fernandes, de 44 anos, foi assassinado com um tiro na última segunda-feira (11/8) enquanto trabalhava
15/ago	ACIDENTE EM UBERLÂNDIA	Mais um gari morre em Minas enquanto trabalhava	Ângelo Aparecido de Souza, de 66 anos, fazia a varrição em uma das vias mais movimentadas de Uberlândia quando foi atropelado
15/ago	EM INVESTIGAÇÃO	Morte de gari: advogado pede bloqueio de bens do suspeito e da delegada	Representante legal da família do gari Laudemir Fernandes entrou com o pedido para garantir o pagamento de danos morais e materiais causados pelo assassinato

15/ago	INVESTIGAÇÃO	<u>Morte de gari: suspeito teria ligado para a esposa após o crime</u>	<u>Empresário Renê da Silva Nogueira Júnior, suspeito do crime, relatou à polícia ter falado com a esposa antes de ser preso; arma dela foi usada no crime</u>
16/ago	TRÂNSITO EXPÔS LADO CRUEL	<u>Morte de gari: avaliação indica falhas psíquicas e ausência de remorso</u>	<u>Assassinato por motivo banal, fuga e negação após matar gari expõem traços violentos e falta de compaixão do suspeito, aponta avaliação de psicóloga</u>
16/ago	INVESTIGAÇÃO EM CURSO	<u>Morte de gari: o que ainda falta ser esclarecido sobre o crime</u>	<u>Investigações ainda buscam esclarecer rotas, disponibilização da arma e possível envolvimento de terceiros na morte de gari em BH</u>
16/ago	EM INVESTIGAÇÃO	<u>Morte de gari: policial penal registra ocorrência contra suspeito</u>	<u>Servidor público afirma que foi caluniado e ameaçado por Renê durante audiência de custódia em BH em que empresário disse ter sido constrangido</u>
16/ago	PRISÃO NA GRANDE BH	<u>Presídio onde suspeitos de matar gari e a mãe estão presos está superlotado</u>	<u>Renê da Silva Nogueira Júnior, suspeito de matar o gari em BH, e Matteos França Campos, que confessou ter matado a própria mãe, estão no Presídio de Caeté</u>
18/ago	GESTO DE AMOR	<u>Morte de gari: família pede corrente de oração por justiça</u>	<u>Familiares de Laudemir de Souza Fernandes pedem que pessoas rezem a oração do Pai Nosso em uma corrente por força, verdade e justiça</u>
18/ago	CASO LAUDEMIR	<u>Somadas, as penas podem passar de 30 anos de prisão. Renê da Silva Nogueira Junior é o principal suspeito de atirar e matar o gari Laudemir de Souza Fernandes</u>	<u>Somadas, as penas podem passar de 30 anos de prisão. Renê da Silva Nogueira Junior é o principal suspeito de atirar e matar o gari Laudemir de Souza Fernandes</u>
18/ago	CASO LAUDEMIR	<u>Morte de gari: polícia não tem dúvidas que empresário cometeu o crime</u>	<u>Investigadores dizem ter indícios "contundentes e irrefutáveis" sobre autoria do crime; arma usada pertence à delegada, esposa do suspeito</u>
18/ago	EM INVESTIGAÇÃO	<u>Morte de gari: vídeo mostra suspeito guardando arma usada no crime</u>	<u>Renê da Silva Nogueira foi preso na segunda-feira (11/8), cerca de sete horas depois da morte do gari Laudemir, no Bairro Vista Alegre, em BH</u>
18/ago	CASO LAUDEMIR	<u>Defesa de suspeito de matar gari abandona caso após divulgação de vídeos</u>	<u>Decisão foi comunicada nesta segunda-feira (18/8). Advogados alegam motivo 'foro íntimo' para deixar de representar o empresário</u>
18/ago	ENTENDA	<u>Morte de gari: por que Renê é identificado como 'empresário'?</u>	<u>Suspeito tem um CNPJ registrado no próprio nome e afirma já ter ocupado cargos de liderança em empresas multinacionais</u>
19/ago	EM INVESTIGAÇÃO	<u>Morte do gari em BH: empresário confessa assassinato de Laudemir</u>	<u>O gari Laudemir de Souza Fernandes foi assassinado com um tiro na barriga no dia 11 de agosto durante uma discussão de trânsito</u>
19/ago	EM INVESTIGAÇÃO	<u>Morte do gari: Renê diz que delegada não sabia de uso da sua arma</u>	<u>Empresário confessou assassinato de Laudemir de Souza Fernandes durante interrogatório realizado na segunda-feira (18/08)</u>

19/ago	INVESTIGAÇÃO	Morte do gari: MP pede bloqueio de até R\$ 3 milhões de empresário e esposa	Com o pedido, Ministério Público quer impedir dilapidação do patrimônio e inviabilização de uma eventual indenização à família da vítima
19/ago	MUDANÇA DE VERSÃO	Morte do gari: o que muda após a confissão do empresário	Renê Júnior confessou ter matado o gari Laudemir Fernandes durante briga de trânsito no Bairro Vista Alegre, Região Oeste de Belo Horizonte
19/ago	ASSEMBLEIA	Audiência pública vai debater assassinato de gari nesta quarta-feira (20/8)	Comissão de Direitos Humanos vai discutir o homicídio. A audiência vai reunir membros da família, Polícia Civil e SLU
19/ago	INVESTIGAÇÃO	Morte de gari: entenda por que MP também pede bloqueio de bens da delegada	Pedido busca impedir que o casal desvie parte do patrimônio e não possa arcar com a indenização à família da vítima
19/ago	MOTIVAÇÃO FÚTIL	'Surpresa nenhuma', diz advogado da família de gari sobre confissão de Renê	Para a defesa da família da vítima a confissão era esperada. Advogado afirma ser cedo para falar em redução de pena: 'Essa é a última fase do processo'.
20/ago	DA ARQUIBANCADA	Laudemir, o Gari Azul	Ele tinha o mesmo jeito de Mário Tilico, o "Raio Azul", herói da final da Supercopa dos Campeões da Libertadores de 1991, contra o River Plate-ARG
20/ago	PROTESTO EM BH	Garis pedem justiça por colega morto após confissão de empresário	Renê da Silva Nogueira Júnior confessou que matou Laudemir, causando revolta entre os colegas do gari, além do receio de que pena seja menor pela confissão
20/ago	CASO LAUDEMIR	Viúva de Laudemir sobre Renê: 'Achou que estava atirando em saco de lixo	Liliane França da Silva participa de uma audiência pública na ALMG que trata do assassinato do marido, o gari Laudemir de Souza Fernandes
20/ago	CASO LAUDEMIR	Morte do gari: Justiça nega bloqueio de bens de empresário e esposa	O Ministério Público fez o pedido para impedir dilapidação do patrimônio e inviabilização de uma eventual indenização à família da vítima
20/ago	INVESTIGAÇÃO	Morte de gari: inquérito do assassinato é prorrogado por 30 dias	Investigações da Polícia Civil sobre as circunstâncias do homicídio em Belo Horizonte ainda aguardam o resultado de laudos periciais
21/ago	CONFISSÃO	Homem que matou gari disse que portava arma por receio em trajeto perigoso	Renê da Silva Nogueira Junior afirmou estava temeroso por um trajeto que não conhecia em uma cidade nova
21/ago	CONFESSO	Homem que matou gari acreditava que só responderia por porte ilegal de arma	Renê Junior afirmou que não sabia que havia atingido alguém e seguiu ao trabalho normalmente após o disparo
21/ago	ASSASSINO CONFESSO	Veja detalhes da confissão do empresário que matou gari em BH	Renê da Silva Nogueira Junior confessou ter matado o gari Laudemir de Souza Fernandes. Em depoimento, ele deu sua versão dos fatos

21/ago	ARREPENDIDO	Morte de gari: Renê diz que jogou a vida fora quando assassinou Laudemir	Natural de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, empresário ressaltou que Minas Gerais o acolheu muito bem e que teria decepcionado os amigos que fez no estado
21/ago	INTERROGATÓRIO	Advogado da família de gari contesta arrependimento de Renê Nogueira	Em interrogatório, Renê da Silva Nogueira Junior afirmou estar arrependido e disse que teria jogado a vida dele e a do gari Laudemir de Souza Fernandes fora
21/ago	INVESTIGAÇÃO	Morte de gari: MP fixa conclusão de inquérito policial em até 10 dias	Polícia Civil havia solicitado à Justiça prazo adicional de 30 dias, pois alega que aguarda o resultado de laudos periciais

Quadro 2 – Bloco 2 de notícias sobre o assassinato de Laudemir de Souza Fernandes (14 a 21 de agosto de 2025). Fonte: elaborado pela autora (2025)

A partir do dia 14 de agosto o número de reportagens por dia diminui, quando Renê teve sua prisão preventiva decretada. Chama atenção, nesta data, a notícia que informa a “carteirada” dada pelo acusado ao afirmar, durante a audiência, que conhece o secretário de segurança pública de Minas Gerais, afirmação que foi negada pela secretaria. Roberto DaMatta ficaria em polvorosa com a aplicação tão caricata da famosa frase “você sabe com quem está falando?”, a fim de desencorajar qualquer indagação que se possa fazer a seguir, por conta da intimidação. Renê, ciente dos pactos explícitos da branquitude, fez jus aos privilégios a ele concedidos e apelou para esta cartada, muitas vezes certa, para mostrar poder. Porém, diante da brutalidade do caso, nem a mais antiga artimanha parece ter surtido efeito. Após o ocorrido, no mesmo dia o secretário soltou nota dizendo que Renê seria “tratado como qualquer preso”, buscando distanciamento deste sujeito que, mesmo branco, poderia manchar suas credenciais, mostrando-se uma espécie de desertor da causa. No dia seguinte, 15 de agosto, um editorial semelhante ao categorizado com CEO DE VENDAS, agora enquadrado em ESTÉTICA, para falar de características físicas do autor do crime. Michel Alcoforado, em seu livro Coisa de Rico, explica que um marcador da diferença entre ricos tradicionais e novos ricos é a aparência estética. Enquanto os primeiros gostam de parecer “naturais”, os segundos são dados ao exagero, com diversos procedimentos estéticos. Ao fazer a escolha de divulgar uma notícia deste cunho na linha de informações sobre o caso, o Estado de Minas busca fazer uma segmentação em que tipo de elite Renê, tratado a todo tempo como empresário, se encaixa. É importante indicar que é um novo rico, ainda titubeante dos códigos e que sua imagem, agora distorcida, não pode macular as elites brancas mineiras tradicionais.

Algo que já vinha aparecendo em títulos desde o início das reportagens, se intensifica do dia 14 em diante: o termo “morte do/de gari”, seguido de dois pontos, para trazer um novo

fato. Das 44 notícias divulgadas a partir desta data, 25 iniciam desta forma. O caso passou a ser o “caso do gari”. Em uma rodada breve de perguntas, se você questionar a alguém que viu minimamente o que aconteceu se sabe sobre o caso de Laudemir, sem maiores informações, provavelmente a pessoa dirá que não tem de ideia do que se trata, mas, ao falar sobre “o caso do gari que tomou um tiro”, uma cortina parece se abrir. Nisso consiste a análise a que se propõe este trabalho. Laudemir é mais um homem negro assassinato, mais um que entra para as estatísticas de violência como número, fazendo com que família e amigos precisem entrar em uma dura seara para mostrar que não havia envolvimento com crime, que não houve conduta violenta, nada, ele foi mais uma vítima da política de caça ao inimigo comum do Estado, que confere ao cidadão comum a autonomia para fazer justiça com as próprias mãos, quando julga necessário. Inclusive, esse é um dos argumentos usados por Renê para justificar porque portava uma arma. Em notícia publicada no dia 21 de agosto, ele afirma que carregava arma por receio de trajeto perigoso. Um discurso que poderia facilmente ser utilizado por outras pessoas e faz jus à preocupação com a segurança para justificar atos de violência e racismo contra corpos marginalizados. Na véspera, Liliane França da Silva, viúva de Laudemir, afirmou que o assassino achou que estava atirando em um saco de lixo.

Um outro ponto de destaque no período é um laudo médico que indica falhas psíquicas e ausência de remorso de Renê. Na imagem que ilustra a reportagem (Imagem 2) ele aparece arrumado, no que parece ser um escritório, com uma estante de livros atrás, além de premiações e honrarias, que denotam ar de intelectualidade e, mais uma vez, um marcador de diferença de erudição, estudo e instrução. Um homem atrelado a tais características, para cometer um crime como a morte de Laudemir, só poderia, dada toda a construção discursiva aqui estruturada, estar fora de si.



Figura 2 – Foto de Renê da Silva Nogueira Júnior, que ilustra reportagem sobre seu laudo médico de transtorno.
Fonte: Site Estado de Minas (16/08/2025)

Por fim, apontamos a notícia que relata o arrependimento de Renê diante do assassinato, dizendo que jogou sua vida fora, agora ilustrada por ele na delegacia. Ao ver suas possibilidades de fazer uso de seu poder de influência esgotadas, ele se dá, momentaneamente, por vencido, e percebe que falhou com o sistema que o respaldava. A reportagem informa que em seu perfil do Instagram, desativado poucas horas após a prisão, ele se descrevia, em inglês, como "cristão, esposo, pai e patriota"⁷, a tônica do dito cidadão de bem brasileiro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso de Laudemir não pode ser mais um que figura como mera estatística. Ao ver a cobertura da versão online do jornal Estado de Minas, o dito “jornal dos mineiros”, reforçar tantas vezes o “caso do gari” ou a “morte do gari”, até o ponto desse se tornar o fato mais relevante do contexto jornalístico, apontamos sobre a necessidade de descolonizar saberes e discursos sobre pessoas negras. A imagem do negro como violento, cuja vida vale menos, e desprovido de identidade é o cerne de uma encruzilhada na qual passado e presente se encontram, urgindo pela necessidade de que memórias possam ser ressignificadas (Hartman, 2022). A construção e repetição deste tipo de discurso sobre pessoas negras se constitui a partir do dispositivo de racialidade e tem na mídia hegemônica uma importante aliada.

A esfera discursiva do que é produzido em veículos de ampla circulação é reflexo de construções coletivas sobre quem são os sujeitos da sociedade, aqueles pelos quais devemos derramar lágrimas, lutar e cobrar por justiça. Enquanto portais de mídia hegemônica seguem alimentando narrativas de descaso, insistimos no diálogo com a ideia de tempo espiralar (Martins, 2021), para tornar presente o que foi apagado, resgatando o registro como elemento da memória e cobrando por espaço para que o reconhecimento da identidade de pessoas negras, diante da ordem necropolítica do Estado, seja capaz também de valorizar estas existências a garantir o direito à vida. A cobertura do jornal sobre o caso apresenta diversas faces de Renê da Silva Nogueira Júnior e constrói um fio condutor sobre o assassino, que, inicialmente, desencoraja a crença em sua culpa, mesmo diante das provas. Apenas na reta final do período analisado as publicações passam a ilustrar Renê, majoritariamente, através de fotos dele já na delegacia ou sendo fichado. O aprofundamento nas categorias de notícias

⁷ Disponível em <https://www.em.com.br/gerais/2025/08/7231748-morte-de-gari-rene-diz-que-jogou-a-vida-fora-quando-assassino-u-laudemir.html> Acessado em 20/10/2025

propostas pelo jornal e na escolha de imagens para ilustrar cada uma delas não foi o foco deste estudo e entendemos que este outro recorte, junto com os novos passos do caso, possam ser material para uma nova pesquisa, assim como o aprofundamento discursivo individual dos enunciados.

O que se propunha com este trabalho, a partir do desenho de 4 pilares ampliados de análise, era o aprofundamento da perspectiva discursiva do jornal Estado de Minas em sua versão online como enunciador, que constrói uma linha discursiva sobre o caso que dialoga com signos ideológicos do racismo. Este material reforça seu compromisso em tratar o caso como deve ser tratado, o assassinato de Laudemir de Souza Fernandes. Este não é “o caso do gari”.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Michel. **Coisa de rico: a vida dos endinheirados brasileiros**. 1 ed. São Paulo: Toda Via, 2025.

BLANCO, Glauca Almeida Reis. Não é mais um monólogo: midiativismo negro digital, contra- agendamento e mídia hegemônica no Brasil. 2019. 150f. **Dissertação** (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **Estudos Avançados**. 1995.

ELIAS, Norbert. **Über den Prozeß der Zivilisation: Soziogenetische und Psychogenetische Untersuchungen**. Frankfurt: Suhrkamp. v.1 e 2. 1976.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2025**. São Paulo: FBSP, 2025. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/09/anuario-2025.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2026.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. 2 (1921-1926)

HALL, Stuart. **Raça, o significativo flutuante**. Revista Z Cultural. 2017

HALL, Stuart. The determination of news photographs. In: COHEN, Stanley e YOUNG, Jock (Orgs.). **The manufacture of news: social problems, deviance and the mass media**. Beverly Hills: Sage, 1981

HARTMAN, Saidiya. **Wayward Lives, Beautiful Experiments: Intimate Histories of Social Upheaval**. New York: W. W. Norton & Company, 2019.

hooks, bell. **Talking Back. Thinking Feminist, Talking Black**. Boston: South End Press, 1989.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Atlas da violência 2025**. Brasília: IPEA; São Paulo: FBSP, 2025. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasdaviolencia2025.pdf>.

Acesso em: 19 mar. 2026

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo, Ática, 1987

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. v. 4, n. 6, março de 2006. ISSN 1678-8931

http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_6_entrevista_maingueneau_port.pdf. Acesso em: 20 mar. 2026.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cena de enunciação**. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2004.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Cobogó, 2021

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos**. São Paulo: Edições Sociais, 1977. 3 v

MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. Artes e Ensaios: Rio de Janeiro, n. 32, 2018.

MILLS, Charles. **O contrato racial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005.

<https://patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/QUIJAN1.pdf>

ROCHA, Décio. Representação e intervenção: produção de subjetividade na linguagem. **Gragoatá**. Niterói: Ed. UFF, v. 21, p. 355-372, 2006.

SANT'ANNA, Vera Lúcia Albuquerque. Reported speech as a strategy to organize the newscurso relatado como estratégia organizadora da notícia. **Revista The Specialist**. Vol 24, nº especial (p. 167-184), 2003. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/9492> Acessado em 19/10/2025.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Nathália Basil

Nathália Basil é doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), membro dos grupos de pesquisa MiDlCom - Mídias Digitais, Identidade e Comunicação - da UFF, inscrito no diretório do CNPq, e LIDD - Laboratório de Identidades Digitais e Diversidade - UFRJ. Mestre em Relações Étnico Raciais (2023) pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ), com a pesquisa "Diversidade da porta pra dentro: uma análise da percepção de profissionais negros e negras sobre as ações de ESG em seus ambientes de trabalho", premiada no Concurso Internacional de Tesis de Postgrado Maestria y Doctorado, Premio Anamaría Harvey 2023, ALED. Possui pós-graduação em Branding (2020), pelo Istituto Europeo Di Design (IED-Rio) e é graduada em Administração (2017) pela Universidade Federal Fluminense (UFF).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional